

O TEXTO ACADÊMICO

Silvio Seno Chibeni

1. Caracterização

O que caracteriza um texto acadêmico é, antes de tudo, o seu objeto: ele veicula o fruto de alguma *investigação* científica, filosófica ou artística. Deve, pois, refletir o rigor, a perspectiva crítica, a preocupação constante com a objetividade e a clareza que são parte inerente da pesquisa acadêmica.

Num texto podemos distinguir o *conteúdo* (idéias, estrutura argumentativa, etc.) da *forma* (linguagem, disposição dos elementos, etc.). Embora a qualidade de um texto acadêmico dependa fundamentalmente de seu conteúdo, esse conteúdo não poderá ser devidamente compreendido e examinado se a forma que o reveste for deficiente. Assim é que os autores mais representativos de qualquer área da atividade acadêmica sempre primaram também pela excelência dos textos em que registraram sua produção.

Não há, é claro, receitas fixas para formar um bom acadêmico. Isso depende de uma predisposição intelectual que se poderia dizer inata, bem como de toda a formação escolar, acadêmica e cultural, somadas a uma dedicação intensa ao estudo. Do mesmo modo, não há normas rígidas de produção formal de um texto acadêmico. No entanto, a tradição acadêmica acabou delimitando, em razoável medida, as formas típicas de expressão escrita para as diversas modalidades de textos acadêmicos. Nas presentes notas ensaia-se a identificação de alguns desses padrões, paralelamente à apresentação de tópicos variados relativos à prática internacional de avaliação e divulgação dos trabalhos acadêmicos.

Deve-se, por fim, ressaltar que estas notas, ou quaisquer outras do mesmo gênero, têm função meramente subsidiária. A consolidação da arte de bem redigir depende, acima de tudo, do contato direto e sistemático com os grandes exemplos de produção escrita, não apenas de natureza estritamente acadêmica, mas também literária de um modo geral.

2. Tipos

Aquilo que se produz numa pesquisa ou atividade acadêmica pode ser veiculado em textos de diferentes tipos, dependendo de seu objetivo. Destacaríamos os seguintes:

- i) *Livros*. São a forma clássica de registro e divulgação da produção acadêmica. Com o desenvolvimento gradual das atividades acadêmicas, o livro é cada vez menos usado para veicular

pesquisas originais, havendo uma tendência de reservá-lo para coletâneas, sínteses ou apresentação sistemática do conhecimento de uma determinada área num determinado estágio histórico, bem como para os textos de natureza didática (os chamados *livros-textos*) e de divulgação para o público leigo. Na filosofia e nas ciências humanas essa alteração de funções ocorre de forma menos pronunciada do que nas ciências naturais.

- ii) *Artigos*. Com a especialização e aumento quantitativo da produção, as disciplinas acadêmicas passaram a servir-se cada vez mais de uma forma mais ágil de divulgação de suas pesquisas: os periódicos especializados (revistas). Tais periódicos publicam artigos e resenhas, que são textos menores, cujo objetivo é explorar algum ponto mais específico em debate pelos pesquisadores da área.
- iii) *Outros*. Livro e artigos são hoje classificados de “publicações”, porque visam a um público amplo e não especificado de antemão. De par com tais textos, encontramos também, é claro, aqueles cujo objetivo é mais restrito: teses, dissertações, monografias, ensaios, relatórios de pesquisa, trabalhos de cursos de formação, etc., que não se destinam a publicação (ao menos inicialmente).

3. Estética

Embora o mais importante num texto seja, como já enfatizamos, o seu conteúdo, e, em segundo lugar, a sua linguagem, a aparência geral não deve ser descuidada. Isso vale tanto para os textos publicados – caso em que os cuidados estéticos cabem ao editor –, como para aqueles em forma manuscrita (entendendo-se por ‘manuscrito’ não apenas o que é escrito a mão, mas também o que é datilografado ou composto com editores eletrônicos de textos). Não obstante o gosto estético naturalmente varie, no caso de textos acadêmico há algumas diretrizes de bom-senso:

Simplicidade. Evitem-se, sempre que possível, figuras, bordas, sombreamentos e outros elementos que distraiam a atenção do texto propriamente dito. Deve-se inclusive evitar a utilização de fontes diversificadas ou rebuscadas. Itálicos e negrito devem ser reservados para suas funções específicas (ver adiante); o mesmo vale para maiúsculas e versalete.

Espaços. O texto não deve ser compacto, “escuro”. Dêem-se amplas margens. Insiram-se espaços razoáveis entre tópicos e seções. Utilize-se espaçamento 1,5 ou 2, exceto talvez nas formas definitivas de um texto, que não se espera sejam mais objeto de anotações ou revisões.

4. Disposição dos elementos

O arranjo dos elementos de um texto vai depender de seu tipo. Vejamos inicialmente o que é mais comum no caso de *livros*:

Folha de rosto: página inicial, onde devem aparecer o título e subtítulo, nome completo do autor, tradutor (se houver), edição, local de publicação, editora e ano de publicação. No verso dessa página devem estar registradas informações mais detalhadas, como a data da primeira edição, o título original, o copyright e o ISBN (ver adiante).

Tábua de matérias (ou *índice sinóptico*, ou *conteúdo*). Lista dos capítulos e seções principais.

Prefácio. Texto de apresentação, em geral breve, escrito pelo autor ou outra pessoa.

Introdução. Nela o autor costuma descrever suas motivações, objetivos, agradecimentos, bem como o plano geral da obra.

O *texto principal*. Normalmente dividido em capítulos; estes, por sua vez, costumam ser divididos em seções. Essas divisões devem refletir as reais distinções de conteúdo do texto.

Notas. Usadas para comentários e referências (ver adiante).

Referências bibliográficas. Lista dos trabalhos citados no livro (ver adiante).

Índices. Os mais comuns são: *índice analítico*, ou *remissivo*, para a localização de termos e expressões importantes; e *índice onomástico* (nomes de pessoas que aparecem) no texto.

Glossários. Aparecem especialmente em livros didáticos, para auxiliar a compreensão de termos mais técnicos.

No caso de *artigos*, vários desses itens não aparecem, é claro. Em compensação, há dois novos elementos:

Resumo. Texto de pequena dimensão (100 a 200 palavras, digamos) onde são sintetizados os principais objetivos e argumentos do artigo. Tornou-se prática fazer o resumo em língua internacional, especialmente o inglês (*abstract*), figurando junto com o resumo na língua do texto, ou mesmo substituindo-o.

Palavras-chaves. Lista de mais ou menos meia dúzia de palavras que designam as noções básicas do artigo, usada para fins de indexação (ver adiante).

5. Referências bibliográficas

Lista de referências. Infelizmente, não há normas unanimemente aceitas para as referências bibliográficas, havendo variações de acordo com a editora (no caso de livros) e com a revista. No

entanto, há uma certa tendência à uniformização, especialmente entre as editoras e publicações periódicas de melhor qualidade, no plano internacional. No Brasil, as normas estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), aproximam-se consideravelmente desse padrão internacional. Essas normas têm sido aplicadas por editoras, revistas e universidades (para as teses); diversas agências de fomento condicionam seu apoio à adequação a tais normas. Por essas razões, fornecemos aqui as principais delas (ver anexo).

Referências no texto. Quando, ao longo de um texto, surge a necessidade de se referir a um determinado trabalho, este não deve ser citado com todos os seus detalhes. Estes são dados na lista de referências, no final do texto. Há diversas formas compactas adotadas para essas chamadas. As normas da ABNT determinam que os trabalhos sejam indicados pelo sobrenome do autor, vírgula, e ano de publicação do trabalho, seguidos da página, capítulo ou seção, dependendo do caso. Ex.: Popper, 1959, p. 45. Havendo dois ou três autores, citam-se os sobrenomes de todos. Exs.: Churchland e Hooker, 1985; Aspect, Dalibard e Roger, 1982. Se houver mais de três autores, cita-se só o primeiro, seguido da expressão ‘*et al*’, em itálicos (abreviatura de ‘*et alii*’ = ‘e outros’). Ex.: Bellavite *et al.*, 1993. Em muitas publicações internacionais não existe a vírgula entre o sobrenome e o ano.

6. Citações

Em um texto acadêmico devem-se indicar claramente todas as citações feitas. Há dois casos a considerar. Se a citação for pequena (algumas palavras, ou frases curtas), é recomendável que seja feita no próprio parágrafo em que ela está sendo comentada, entre aspas (simples ou duplas). Ex.: No seu livro *Metafísica*, Aristóteles afirmou que “todos os homens têm, por natureza, o desejo de conhecer”.

Se a citação for extensa, deve-se colocá-la em parágrafo especial, sem aspas, porém indentado, ou seja, deslocado para a direita. Costumeiramente, usa-se também um tipo menor do que o do restante do texto (por exemplo 10, se o texto for em 12), e/ou um espaçamento mais apertado. Ex.: Na seção IV, parte 1, de seu livro *An Enquiry concerning Human Understanding*, Hume compara a filosofia natural com a filosofia moral de forma eloqüente:

A mais perfeita filosofia da espécie natural apenas detém por algum tempo nossa ignorância, assim como a mais perfeita filosofia da espécie moral ou metafísica serve talvez apenas para revelar porções mais vastas dessa mesma ignorância. Assim, o resultado de toda filosofia é a constatação da cegueira e debilidade humanas, com a qual nos deparamos por toda parte apesar de nossos esforços para evitá-la ou dela nos esquivarmos.

7. Notas

Contêm observações de importância relativamente menor, bem como, em alguns casos, as referências. Nestes casos, deve-se preferir o sistema de referências abreviadas, conforme explicado acima. Não é prático dar as referências completas ao longo das notas, pois as eventuais referências a trabalhos já citados teriam ou que repetir a referência, ou fazer alusão à nota tal, dificultando a sua localização pelo leitor.

As notas podem vir no rodapé, ou no final do capítulo ou do livro. Com a facilidade de editoração eletrônica, é preferível colocar as notas no rodapé.

Uma regra sensata é utilizar o mínimo de notas possível. Um excesso de comentários pode desviar a atenção do leitor das questões mais importantes. Evite-se, também, inserir notas somente para dar referências abreviadas. Neste caso, elas devem ser feitas no texto, entre parêntese. Ex.: (Ver Hempel, 1966, cap. 5.)

8. Uso de aspas

As aspas podem ser simples (‘ ’), duplas (“ ”) ou francesas (« »). As duas primeiras, em estilo curvo, são também ditas “aspas inglesas”, diferenciando-se das retas (' ").

Aspas não são enfeites. Têm funções bem estabelecidas num texto acadêmico, entre as quais destacamos:

Marcar citações. Exceto quando a citação vem identificada por indentação (ver acima), deve ser colocada entre aspas. As aspas inglesas e francesas permitem visualizar melhor onde começa e termina a citação, sendo preferíveis às aspas retas. Ex.: O autor da resenha considera que “nenhum argumento sólido foi dado para a tese principal do livro”, acrescentando que, por outro lado, temos “razões independentes para considerá-la falsa”. Se houver citação dentro de citação, devem-se usar aspas simples para a interna e duplas para a externa (ou vice-versa).

Sentido não-literal. Em textos acadêmicos, aspas podem usadas em palavras ou expressões que não se deseja que sejam interpretadas literalmente. Entre os vários casos destacaríamos: i) *Ironia*: Estamos inteiramente “convencidos” pelo argumento apresentado. ii) *Metáfora*: Há um “buraco” naquele argumento. A “árvore” da filosofia tem muitos ramos. A mente humana é, em sua criação, um “papel em branco”.

Distinção uso/menção. Ordinariamente as palavras são empregadas para designar objetos, eventos, conceitos, símbolos, etc. Algumas vezes, porém, queremos nos referir à própria palavra, enquanto objeto lingüístico. Nestes casos, a convenção é de que se usem aspas (em geral simples), ou

itálicos. Essa distinção é por vezes importante para evitar confusões. Exs.: A palavra ‘dog’ corresponde, em inglês, à nossa palavra ‘cão’. *Gato* tem 4 letras. ‘Gato’ tem o mesmo tamanho que ‘rato’. *Terra* é de origem latina. Prefira ‘estudar com afinco’ a ‘rachar’. Aquele escritor não usava ‘caneta’.

Títulos de artigos. Em alguns sistemas de referências bibliográficas, os nomes de artigos são colocados entre aspas. Usar aspas em títulos de livros, embora comum, não é uma prática a ser seguida.

9. Uso de itálicos e outros estilos

Assim como as aspas, os tipos especiais não devem ser usados como enfeites, tendo seus empregos específicos nos textos acadêmicos.

Itálicos. (Em textos manuscritos ou datilografados, os itálicos são indicados pelo sublinhado.)

São usados principalmente para:

- i) *Ênfase.* Ex.: A presença às aulas é *fundamental* para o bom acompanhamento do curso. A verdade das premissas *não* é condição necessária para a validade do argumento.
- ii) *Títulos de livros e de periódicos.*
- iii) *Menção* (opcionalmente às aspas)
- iv) *Palavras estrangeiras.* Ex.: Copiar *softwares* é ilegal. A explicação era *prima facie* plausível. Disse, *en passant*, que apreciava ópera italiana.
- v) *Destques.* Para destacar tópicos, como estamos fazendo neste texto.

Negrito. Em certos sistemas de referências, usa-se para marcar os volumes de periódicos. Ex. *Philosophy of Science* **44**: 1-42, 1977. Fora isso, usado quase que exclusivamente para destaque, como neste texto. No entanto, seu uso no meio dos parágrafos é condenável, pois sobrecarrega a aparência do texto.

VERSALETE e MAIÚSCULAS. Em alguns sistemas de referências, são usados para os sobrenomes dos autores. Em artigos e livros, podem ser usados para destacar o título e, mais duvidosamente, seções. Como os negritos, não devem ser empregados para destacar palavras no meio dos parágrafos.

Tópicos seguintes: 10. Controle acadêmico de publicações. 11. Catalogação e Indexação. 12. Bases de dados. ...